

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: 03

Data: 22.11.68

Pg.: 10/12

00274
Fundação teme por índios que teriam massacrado expedição

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. José Otávio Campos, enviou um telegrama urgente ao chefe da 1ª Inspeção de Manaus determinando a suspensão no sentido de evitar qualquer represália contra os índios atingidos pela expedição pacificadora chefiada pelo padre João Calleri.

Da 1ª Inspeção de Manaus, o presidente da Funai recebeu ontem, com efeito da véspera, um rádio comunicando que o índio que continuava sem notícias do padre Calleri. Segundo a comunicação, enviada pelo chefe da inspeção, capitão Alexandre, "as buscas em avião da FAB continuaram, sendo esperado hoje - anteontem - um helicóptero para reforçar os trabalhos."

NOVA EXPEDIÇÃO

A missão pacificadora do padre Calleri, da Ordem da Consolata e dirigente da Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima, era composta de 12 pessoas, entre as quais duas mulheres, casadas com membros da expedição.

A expedição iniciou-se em outubro, e o padre João Calleri enviou sete comunicados pelo rádio, seis dos quais e missas, mas o último demonstrando algum desespero porque os índios se recusavam bastante hostis. A partir de 30 de outubro, entretanto, as comunicações foram totalmente suspensas, e atéontem o presidente da Funai recebeu um telefonema de São Paulo, do padre Silvano Sabatini, da Sociedade Missionária de Nossa Senhora Consolata, comunicando o fato.

O padre Sabatini disse que se dava a expedição do padre Calleri como perdida e que haviam sido pedidos socorros ao Serviço de Busca e Salvamento da FAB. Inmediatamente, a Funai organizou nova expedição, sob a chefia do sargento Gilberto Pinto Figueiredo Costa, a quem se juntará hoje outro sertanista, João Américo Peret, também pacificador de índios.

João Américo Peret, que trabalha no Departamento de Patrimônio da Funai, participou recentemente da expedição de pacificação dos Cinta-Largos, e hoje hoje para Curitiba a fim de preparar o material que deixou ao regressar daquela missão, o qual consta principalmente de fogos de artifício para intimidar os índios.

De Curitiba, Peret, irá a Manaus, de onde partirá para se encontrar com o sertanista Gilberto Pinto.

EVITAR REPRESALIA

O presidente da Funai, que anteontem enviou ofício reservado ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, sobre os acontecimentos, expediu o seguinte telegrama ao capitão Alexandre, chefe da 1ª Inspeção:

"Encareço providências no sentido de evitar qualquer represália contra os índios atingidos, acusados de massacre na expedição pacificadora. Aguarde a chegada a Manaus do sertanista João Américo Peret, que se juntará a Gilberto Pinto para nova expedição pacífica para pacificação de possíveis remanescentes da missão do padre Calleri. Comunique-me urgente qualquer ação estranha a Funai na área vaimiris-atroaris."

Vaimiris e atroaris são as duas tribos em cuja área estava a missão do padre Calleri. Segundo o Sr. José Otávio Campos, essas duas tribos ressentem-se bastante da falta de mulheres, e por isso vivem brigando entre si, cada um procurando recrutar as mulheres da outra tribo. Vem ou outra, inclusive, os

índios fazem expedições para rapta-los mulheres brancas.

Por esta razão — falta de mulheres — o padre Calleri levou em sua expedição duas mulheres, casadas com dois sertanistas. Disse o presidente da Funai que os índios não se atreveram a raptar as mulheres da expedição com medo de represálias.

Esta — Irison o Sr. José Otávio Campos — foi a segunda vez que uma expedição pacificadora levou mulheres. A primeira foi em 1946, quando o sertanista Francisco Meireles levou sua mulher na missão que realizou entre os vaimiris.

A MISSÃO CALLERI

A missão chefiada pelo padre Calleri teve início quando o presidente da Funai tomou conhecimento, no primeiro semestre desse ano (quando ainda era delegado ministerial na Fundação, que estava sendo organizada), de que a frente de trabalho encarregada da construção da rodovia Manaus-Caracará estava em pleno território dos vaimiris e atroaris.

Consciente do perigo que representava essa invasão do território tribal — declarou o Sr. José Otávio Campos — pois há alguns anos os atroaris haviam massacrado um posto indígena do extinto Serviço de Proteção aos Índios, entrei em contato pessoal com o coronel Carijó, responsável por aquela frente de trabalho do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Amazonas — Deram.

Disse ter colocado imediatamente à disposição do oficial o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, da 1ª Inspecção Regional da Funai, em Manaus, para que ele chefiasse uma missão de aproximação dos vaimiris, evitando assim os choques. Os recursos materiais e humanos para a expedição foram fornecidos pelo Deram e pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

Em julho, o presidente da Funai foi procurado por um engenheiro do DNER, que comunicou estar a Prelazia de Roraima, dispondo de padres antropólogos e linguistas afetos à problemática indígena disposta a aceitar a missão de pacificar aquelas tribos.

Depois de contatos feitos com o padre João Calleri, da Prelazia de Belém, foi enviada, no dia 6 de agosto, a autorização n.º 2, que lhe confiava promover a aproximação e contato e o estabelecimento dos índios vaimiris, na região de Alalau, no Estado do Amazonas.

A autorização determinava que "a aproximação se fará por via fluvial, não se penetrando imediatamente no território tribal, mas antes atrairdo os silvícolas a um território neutro, evitando-se o uso de aviões e helicópteros em vôos rasantes, desde que já procedido o reconhecimento e localização das malocas."

RISCO CALCULADO

Os irmãos da Consolata, em Roraima, não ignoravam os riscos da missão, e creio que a aceitaram como um desafio à sua vocação apostólica e uma experiência dos sagrados princípios que pregam, destinadas a promover a integração dos silvícolas à comunidade nacional, sem qualquer rancor da velha catequese — declarou o presidente da Funai.

Afirmou que aqueles padres, "conhecendo mais de oito mil índios em Roraima, nos diversos estágios de aculturação, sempre encorajados de êxito os seus esforços, lançaram-se à missão conscientes dos seus riscos."

Esses riscos eram as sortidas pre-

cedentes dos atroaris, vizinhos dos vaimiris, que já haviam deixado vítimas; a invasão do território tribal pela frente de trabalho rodoviária; o estado de alerta das tribos, depois dos recentes vôos rasantes de helicópteros.

Para a missão, os padres munificaram-se de meios modernos de comunicações, utilizando o rádio para o contato com a retaguarda. Para evitar que o trabalho de aproximação com os índios fosse prejudicado por um contato duplo, o presidente da Funai ordenou que o sertanista Gilberto Costa se afastasse da área.

COMUNICADOS

Desde o início da expedição, o padre Calleri enviou sete comunicados. Nos seis primeiros, bastante satisfatórios, dava conta de que haviam ocorrido contatos com os índios, com troca de brindes, longe das malocas, na margem oposta do rio que limita o território tribal.

No último contato, entretanto, os índios passaram a exigir os brindes gratuitamente, mas os missionários, com habilidade, haviam conseguido convencê-los a trocar os presentes pelos seus arcas, desarmando-os. Isso foi informado no último comunicado, no dia 30 de outubro, quando o padre Calleri já demonstrava alguma apreensão.

Supõe o presidente da Funai que, regressando à tábua desarmados, os atroaris tenham resolvido retomar os arcas de qualquer maneira, ocorrendo então o massacre.

DESERTOR

Inferenciou-se extra-oficialmente na Funai que um dos 12 membros da expedição pacificadora do padre Calleri havia se apavorado com as últimas atitudes hostis dos atroaris e desertado antes que o massacre ocorresse. Segundo essa fonte, a esperança de se saber o que aconteceu depende da sobrevivência desse desertor, que ainda não teria chegado a qualquer posto da Fundação.

A mesma fonte afirmou que a técnica de aproximação com os índios utilizada pelo padre Calleri era muito mais usada do que a dos sertanistas da Funai. Estes, mais experientes, utilizam-se, inicialmente, de fogos de artifício ou de estampido, com o que conseguem atemorizar os índios.

Os sertanistas da Funai — como Francisco Meireles e João Américo Peret — quando acampam e sabem que há índios nas proximidades cercam os acampamentos com espólios ligados a um detonador de pilha. Quando os índios se aproximam, detonam as espólios para assustá-los.

Outra técnica usada por esses sertanistas para conseguir o respeito dos índios é a bomba de fumaça, feita de papel laminado e salitre, e que é lançada com atiradeira contra uma árvore. Ao chocar-se, liberta uma grande quantidade de fumaça, sem que haja estilhaços ou barulho.

Já a técnica que o padre Calleri empregava era "muito mais arriscada, porém, também, muito mais definitiva." O missionário, ao contrário dos sertanistas, não procurava assustar nem comprar a confiança dos índios, mas convencê-los de que a intenção dos homens brancos era pacífica e que não iria prejudicá-los. O padre Calleri somente empregava a troca de presentes nos contatos iniciais, e nunca dava brindes aos índios gratuitamente. Sua preocupação era convencer os índios de que os brancos que agora os procuravam "não eram os mesmos de antes, que só pensavam em enganá-los."

O padre João Calleri tinha 34 anos.

Aviões não acham padre João Calleri 00275

O Serviço de Busca e Salvamento da 1ª Zona Aérea, segundo rádio enviado de Belém ao Ministério da Aeronáutica, ainda não conseguiu localizar o grupo chefiado pelo padre João Calleri, perdido na selva amazônica, apesar do emprego de aviões e helicópteros, que sobrevoadam a tábua dos índios atroaris sem encontrar ninguém.

Um avião sobrevoeou ontem o campo São Miguel, completamente deserto, além das malocas um e dois dos índios atroaris, mas não conseguiu pousar devido às péssimas condições meteorológicas. Os vôos continuarão hoje na área, onde já se encontra uma equipe do PARA-SAR.

A BUSCA

As mensagens chegadas ao Ministério da Aeronáutica, enviadas pelo Serviço de Busca e Salvamento da 1ª Zona Aérea, informam que as buscas têm sido infrutíferas.

As condições do tempo têm prejudicado a busca na região, mas, novos sobrevoados estão previstos para hoje, além da dependência a utilização de maior número de aviões nas operações de resgate. A equipe do PARA-SAR que há dois dias deixou a base de Campo dos Afonsos com destino a Roraima, para tentar localizar o grupo, chegou a Be-

lém em avião Hércules C-130 do Comando de Transportes Aéreos.

Outros aparelhos estão preparados para participar da missão de busca, caso seja necessário. Informou o Gabinete do Ministro que, conforme os resultados da busca, não está fora de cogitação o emprego de mais aviões, que teriam como ponto de apoio os campos do interior da Amazônia como o de Boa Vista, usado pelo CAN em suas missões. As bases de Belém e Manaus, dependendo da necessidade, poderão fornecer mais recursos.

OPERAÇÃO

Manaus e Brasília (Correspondente e Sucursal) — Um avião e um helicóptero da FAB estão no rio Negro procurando uma das pistas de serviço da estrada Bit-164 para instalar a equipe do PARA-SAR.

O ponto, junto ao rio Alalau, última etapa do desmatamento, deverá servir de base para a operação de resgate do grupo de padre João Calleri — na hipótese de ele não ter sido massacrado pelos índios.

O Governador do Território de Roraima, coronel Hélio Costa, comunicou ontem ao Gabinete do Ministro do Interior, em Brasília, que ainda não há qualquer sinal da expedição, tendo-se

"a impressão de que houve um massacre."

As informações pessimistas, no entanto, se avolumam. Os missionários do rio Negro acreditam em verdadeiros ataques vaimiris, que já atacaram e mataram expedições de homens brancos em 1942, 46, 60, 61 e 68, conforme estatística da Funai.

CIRCULO

A Coordenação do Serviço de Busca e Salvamento, instalada no destacamento da FAB em Manaus, fez um círculo em torno dos rios Alalau, Japurá e Igarapé de Santo Antônio, admitindo que a expedição esteja em seu interior, pois o último informe do padre João Calleri, transmitido para a estação do DNER através de um transmissor-receptor SSB, registrava contatos com índios semicivilizados a poucos quilômetros de São Gabriel, um pequeno aeroporto do DNER situado a margem esquerda da BR-164, a 315 quilômetros de Manaus.

Nutels sugere isolamento do indígena

está se apossando dos territórios indígenas."

Contou que certa vez foi procurado por um deputado de Mato Grosso — cujo nome não revelou — que em companhia de seu sogro, grande proprietário de terras no Estado, desejava resolver o caso de suas terras ocupadas por índios.

Respondi ao deputado que, possivelmente, o caso era inverso: as terras pertenciam aos índios e não ao seu sogro.

Disse ainda que quando procurado por um índio de nome Pancaru, que se queixava da invasão de suas terras pelos brancos, travou-se o seguinte diálogo:

— Quando vocês invadem as terras dos brancos, o que acontece?

— Eles nos expulsam a tiros.

— Então por que vocês não fazem o mesmo?

O índio nada respondeu, mas insistiu em que o então SPI tomasse providências, ao que respondeu o sertanista:

— Não adianta muito reclamar. Seria mais um papel rolando de mesa a mesa, sem solução.

— Eh, doutor: parece que o senhor tem razão. Vou largar essa ilusão de ser índio.

A certa altura, o Sr. Noel Nutels declarou à CPI que já viu na Amazônia e em outras regiões "muitas pessoas que se dizem missionários com contatos Geiger nas mãos."

— Não sou contra as missões, mas contra a catequese. Há no trabalho catequético o aspecto triste da nacionalização. Um meu auxiliar, certo dia, foi visitar um índio catão num hospital de missionários e viu que seu sogro era atendido por enfermeira norte-americana e conversava em inglês.

Falando contra a catequese, perguntou onde estão os índios catequizados e integrados na civilização. E ele mesmo deu a resposta:

— Ninguém sabe. Pelo contrário, a integração vem transformando os índios em simples cabeceias.

Mostrou, depois, o que está acontecendo com os índios carajás remanescentes que por força das encomendas dos sertanistas e revendedores abandonaram a simplicidade dos trabalhos, tão admirados, para fabricar bonecos em posturas indecentes. Criticou, também, a atuação dos antropólogos, "que falam o antropológico e se esquecem das coisas simples de interesse dos próprios indígenas."